

Grupo de Discussão
História da Língua Portuguesa e Historiografia Linguística

BRASIL E PORTUGAL: QUESTÕES ORTOGRÁFICAS NA PERSPECTIVA DA HISTORIOGRAFIA LINGUÍSTICA

Adriana de Souza

souzadrika@hotmail.com

As questões ortográficas têm sido alvo de discussões entre os países lusófonos, desde que foi aprovado o Acordo ortográfico de 1990, em 2010. Governantes, linguistas, gramáticos, professores e comunidade em geral têm uma posição e questionamentos a fazer sobre as mudanças ortográficas e o ensino da língua portuguesa nos países que falam português. Nossa pesquisa tem por objetivo geral refletir sobre as questões ortográficas no Brasil e em Portugal. Seus objetivos específicos são: apresentar a estrutura dos Acordos Ortográficos promulgados no século XX entre Brasil, Portugal e, posteriormente, analisar os sites e documentos oficiais em busca de informações quanto ao ensino da ortografia nesses países. Nesse sentido, a justificamos pela necessidade de reflexão sobre as questões ortográficas que permeiam o espaço lusófono, em documentos oficiais brasileiros e portugueses. Nosso trabalho analisa o tratamento dado a essas questões, na perspectiva da historiografia linguística, enfocando os princípios da Contextualização (de forma não aprofundada) e da Imanência. Após a análise de dados, constatamos que as questões ortográficas nos países lusófonos têm sido preocupação dos governantes dos países que fazem parte da CPLP, no sentido de que o seu ensino possa colaborar para que haja efetiva interação entre os países falantes do português e de que os questionamentos sobre as questões ortográficas perdurem, pois elas permeiam as relações de manutenção da cultura dos povos lusófonos.

Palavras chave: acordos ortográficos, CPLP, estudo historiográfico, língua portuguesa, lusofonia.

AS FRONTEIRAS DIFUSAS NA CATEGORIZAÇÃO GRAMATICAL. O CASO DAS "PREPOSIÇÕES ACIDENTAIS" NO PORTUGUÊS

Aline de Almeida Braz

aline_abraz@yahoo.com.br

Essa pesquisa examina o uso de algumas das chamadas “preposições acidentais” da Língua Portuguesa. A pesquisa é baseada em comparações entre diferentes dicionários do século XX e XXI, gramáticas da Língua Portuguesa e artigos de jornais, com vista a uma compreensão do processo de gramaticalização que evidencie as dificuldades no estabelecimento de fronteiras entre as categorias e o modo em que as gramáticas e os dicionários categorizam as preposições aqui analisadas. A categorização gramatical é o ponto inicial desta reflexão, já que nos dicionários em geral existem abreviaturas que demonstram o registro da entrada de cada palavra, atribuindo-lhe uma categoria. Esse procedimento de estabelecer uma categoria gramatical para cada entrada do dicionário, sem se contemplarem todos os possíveis usos ligados a deslizamentos categoriais, é absolutamente legítima, já que tal procedimento faz parte da tarefa lexicográfica ortodoxa. Entretanto,

neste estudo, que se dirige à análise da língua em funcionamento, dentro de uma teoria funcionalista da gramática, que considera a língua como um sistema de escolhas, o que se entende é que, também no caso das entradas do dicionário, é necessário buscar um tratamento da categorização que se faça com a observação do uso discursivo. Sendo assim, fez-se o exame, no uso efetivo da língua portuguesa contemporânea do Brasil (artigos de jornais), de casos de difusão de fronteiras entre palavras ("preposições acidentais") que o dicionário registra com categorizações definidas e então avaliou-se, nesses usos efetivos e em exemplos apresentados nos dicionários, como as preposições se comportam, confrontando seu uso e a categorização. Palavras-chave: Nomenclatura Gramatical Brasileira; Preposições acidentais; Gramática Funcional."

AS VÁRIAS FACES DA CENSURA: LIVROS, JORNAIS E LEITURA CENSURADOS

Ana Paula Sapaterra

anaspaulas@ig.com.br

Este trabalho propõe-se a discutir a censura no Brasil Colonial, mostrando o trajeto dos livros vindos da Europa, o papel dos censores, a perseguição às ideias políticas, religiosas e o contrabando de livros. Ainda serão debatidos os aspectos marcantes da censura na história intelectual e política brasileira. Para tal, optou-se pela escolha da História das Idéias Linguísticas (Chartier, Fávero, Orlandi), constituindo-se em um olhar do século XXI para os fatos dos quatro primeiros séculos da nossa história. Palavras-chave: História das Ideias Linguísticas; censura; Brasil Colonial.

ÉTIMOS GRECO-LATINOS NA FORMAÇÃO DE TERMOS DA MEDICINA

Andrea Sampaio Volpe

andrea_letraspuc@hotmail.com

A pesquisa se situa na área da Terminologia e, numa interface com as pesquisas em Lexicologia e Etimologia se propõe a apresentar uma descrição dos formantes greco-latinos empregados na constituição de unidades lexicais terminológicas na área da Medicina. Tem-se observado, no cotidiano, a carência de conhecimento prévio dos usuários da língua portuguesa no entendimento do significado da terminologia médica com que se deparam, por exemplo, ao consultar bulas de remédio. Essa carência decorre, muitas vezes, da dificuldade em produzir inferências sobre o significado dessa terminologia, cujo ponto de referência se refere ao conhecimento etimológico de seus elementos constituintes. Diante desse cenário, levantamos o seguinte questionamento: em que medida o domínio ou conhecimento dos étimos latino e grego contribui para uma maior compreensão dos significados dos termos usados na área de Medicina? Nosso objetivo, portanto, é contribuir com os estudos na área da Língua Portuguesa, no que diz respeito a uma maior compreensão da função da etimologia para o aumento da capacidade expressiva e do grau de precisão no uso da terminologia médica mediante os conhecimentos dos étimos latinos e gregos. Para isso, um dos procedimentos metodológicos será identificar o modo de composição unidades terminológicas

da medicina em geral e especificamente descrever o significado das raízes e radicais greco-latinas. Inicialmente, fundamentou-se a pesquisa, nos estudos de Barros (2004), Krieger e Finatto (2004) Viaro (2004) e Viaro (2011). Levando-se em consideração que a pesquisa está em estágio inicial, os resultados obtidos ainda são parciais, razão pela qual se pretende expor os procedimentos adotados até o momento para a realização desta investigação.

O DISCURSO GRAMATICAL: SABERES SOBRE A LÍNGUA E SUA INSERÇÃO HISTÓRICA

Antonio Carlos Silva de Carvalho

carlosca@usp.br

Dionísio Trácio (170-90 a.C.), o primeiro a escrever uma gramática no Ocidente, dividiu sua Arte gramática em seis partes, sendo a analogia uma delas; Apolônio Díscolo (primeira metade do séc. II d.C.), considerado um dos gramáticos mais importantes de sua época, tratou a analogia de modo diverso de Dionísio Trácio; Varrão (116-27 a.C.), famoso polígrafo latino, destinou três de seus vinte e cinco livros sobre teoria gramatical os quais se constituem no primeiro trabalho latino de gramática (43 a. C.) à controvérsia entre analogistas e anomalistas frente ao problema da origem da linguagem; Quintiliano (35-95 d.C.), retórico latino, conquanto não fosse gramático, escreveu sobre o ofício do gramático. Esses autores, parece, são suficientes para demonstrar a relevância da analogia para os estudos gramaticais antigos; assim, feita a contextualização, este trabalho faz parte de um trabalho maior acerca da analogia que ora busco divulgar e ampliar e propõe divisar um pouco do importante papel da analogia no tocante aos estudos gramaticais. Ao cabo dessa empreitada, que se deu quase totalmente a partir de textos originais, algumas verificações são possíveis, como i) a herança que os gregos e, posteriormente, os romanos legaram à gramática portuguesa graças aos estudos da analogia e ii) qual a relação que o termo analogia usado pelos autores estudados manteria com as definições linguísticas atuais, mormente nos estudos de base funcionalista.

O FUNCIONALISMO NA MODERNA GRAMÁTICA PORTUGUESA DE EVANILDO BECHARA

Cínthia Cardoso de Siqueira

cinthia.siqueira@gmail.com

O estudo desenvolvido buscou investigar a maneira pela qual a teoria linguística funcionalista, de Eugenio Coseriu, é incorporada à Moderna Gramática Portuguesa, de Evanildo Bechara. O corpus analisado foi composto pela segunda versão da referida obra, publicada em 1999. Tendo como base teórica a teoria da gramatização de Aurox (2009) e as teorias da norma de Aléong (2001) e Coseriu (1987), a análise do corpus objetivou verificar como a teoria gramatical apresentada por Bechara na Introdução da segunda versão da Moderna Gramática Portuguesa é aplicada para a explicação do funcionamento da língua. Desse modo, a metodologia de trabalho pautou-se na análise da teoria gramatical apresentada pelo autor e na verificação de como essa teoria é aplicada para a explicação do funcionamento da língua, através

da observação do tópico gramatical "advérbio?". Os resultados obtidos demonstraram que, realmente, Evanildo Bechara ultrapassa os limites da prescrição em sua Moderna Gramática Portuguesa. Apesar de se pautar em registros tipicamente do uso culto, da modalidade escrita da língua, o autor procura tecer uma descrição que abranja a língua em uso, em funcionamento. Os exemplos apontados no artigo demonstram como o autor buscou registrar e analisar as diferentes funções que os termos tradicionalmente denominados "advérbios" podem exercer em uma oração ou em um texto. Visando a analisar as teorias que conformam um instrumento linguístico determinado, esta pesquisa se inscreve, especificamente, no campo da História das Ideias Linguísticas.

JUSTIÇA ECLESIASTICA, PRÁTICAS RELIGIOSAS MARGINALIZADAS E REGISTROS LINGUÍSTICOS

Helena de Oliveira B. Negro

holiveira79@yahoo.com.br

Nathalia Reis Fernandes

nathlet@gmail.com

Marcelo Módolo

O presente trabalho tem como objetivo apresentar pesquisas recentes sobre processos de feitiçaria do século XVIII, provenientes do Arquivo da Cúria Metropolitana de São Paulo. A documentação, vasta e rica em detalhes, apresenta-nos um panorama da história social e os aspectos linguísticos da escrita do Brasil Colônia. O sincretismo religioso, suas crenças e as ações dos personagens contidos nos 14 processos analisados mostram-nos o lado oculto da crença popular e sua utilização para realização do mal ou do bem, como veremos no fac-símile escolhido para apresentação desse trabalho. Sob uma análise filológica transcendente, abordaremos as influências culturais e sociais nas práticas religiosas e crenças populares no Brasil Colônia, a partir da transcrição e análise do processo criminal de Paschoal José de Moura, que traz a descrição de orações e patuás como forma de proteção. O patuá, cujo simbolismo é de origem africana, traz uma oração e desenhos, que remetem a um amuleto. A investigação conclui pela existência de crime de feitiçaria. Inicialmente, faremos a transcrição semidiplomática do processo, mantendo as características linguísticas da época e permitindo estudos linguísticos posteriores que abordem os diferentes aspectos da escrita no período em questão. Enfocaremos também aspectos sociais, analisando a visão dominante para práticas religiosas fora do status quo e o resgate das crenças e cultura africanas, bem como compreender quem eram esses homens, que não só conheciam a escrita como por ela divulgavam um saber desconhecido da religião dominante.

A INCLUSÃO PELA GRAMÁTICA

Jean Pierre Chauvin

tupiano@usp.br

Os professores de Língua Portuguesa lidam com uma série de dicotomias. No cenário que presenciamos dentro e fora da sala de aula, as discussões sobre o ensino do vernáculo ora priorizam o caráter normativo da língua, aferindo critérios mínimos de adequação ortográfica, fonética, morfológica e sintática, com vistas ao êxito pessoal, acadêmico ou profissional; ora situam alunos e professores em outra dimensão, na qual sugerem que o ensino da Gramática precisaria ser repensado, por se tratar de material eminentemente técnico, e de difícil compreensão (ou aceitação) por parte tanto de uns quanto de outros. A proposta deste trabalho é situar a questão em outra esfera, a partir dos seguintes pontos de exame: a) Em que medida a Gramática, por si só, exclui o falante da língua materna? b) Será possível conceber a Gramática como uma "arte" entre outras? c) Haverá novas maneiras de discutir a variação linguística, entre o dado estético e o ideológico? Para responder a essas questões, pretende-se resgatar a contribuição de tratadistas, historiadores, gramáticos, linguistas e escritores, sem perder de vista depoimentos de alunos dos níveis fundamental, médio e superior - estas, obtidas em experiências realizadas nos espaços formais e informais de ensino, em diferentes disciplinas.

LIÇÕES DE PORTUGUÊS DE SOUSA DA SILVEIRA: UMA INVESTIGAÇÃO HISTORIOGRÁFICA

Jefferson Lucena dos Santos

jefflucena@hotmail.com

Nelci Vieira de Lima

nevieira@gmail.com

Luciane Gomes da Silva

Este trabalho visa a perscrutar o pensamento linguístico do filólogo Sousa da Silveira, manifestado em suas Lições de português, 6ª edição, de 1960, a fim de estabelecer a relação entre concepção de língua tida pelo autor e as "instruções" apresentadas na obra para o ensino da língua. Para estabelecer esse confronto entre a concepção de língua e a abordagem dada à língua e manifestada nas Lições, num recorte histórico determinado, buscamos respaldo nos princípios teórico-metodológicos da historiografia linguística (HL), mais especificamente nos passos de contextualização, imanência e adequação empreendidos por Koerner (1996) e adotados cada vez mais pela comunidade científica que circunda a HL. Respaldamo-nos ainda em Swiggers (2009, p. 70), que define a tarefa do historiógrafo como a de descrever, interpretar e explicar (segmentos de) a história da linguística. Para isso, efetuamos um recorte analítico dentro da história da linguística, voltando nossa atenção à questão do tratamento dado ao ensino de língua materna na década de 1960, imbricado aos ideais políticos de então. Ao analisar o trabalho de Sousa da Silveira, buscamos também comparar o pensamento linguístico, intrínseco em

sua obra, e sua preocupação com o ensino da língua materna, com os ideais políticos e educacionais vigentes na atualidade para o ensino da Língua Portuguesa.

A GRAMMÁTICA PORTUGUÊSA (1898) DE ANTÓNIO GARCIA RIBEIRO DE VASCONCELLÓZ

Jorge Viana de Moraes

jorgevmoraes@ig.com.br

Esta comunicação tem por objetivo apresentar aspectos da "Grammática Portuguesa", de António Garcia Ribeiro Vasconcellóz, publicada no ano de 1898, em Lisboa. Escrita para alunos dos Liceus do ensino secundário oficial de Portugal, esta gramática apresenta importantes concepções linguísticas incorporadas à sua estrutura, bem como às suas análises, resultantes de pesquisas da Filologia Românica e Portuguesa do final do século XIX. Por tratarmos de alguns conceitos linguísticos e gramaticais relativos à referida obra, sob a perspectiva historiográfica, o trabalho está vinculado à História das Ideias Linguísticas e segue, teórico e metodologicamente, Auroux (2008) e Colombat, Fournier e Puech (2010). A comunicação se finalizará com algumas considerações finais.

COMPENDIO DA GRAMMATICA DA LÍNGUA NACIONAL DE ANTÔNIO PEREIRA CORUJA: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Juliana Borges de Medeiros

juliana_borges@ig.com.br

Nailton Santos de Matos

nailtonmatos@yahoo.com.br

Esta pesquisa tem por objeto de estudo o Compendio da Grammatica da Língua Nacional de Antônio Pereira Coruja, tematizada nos movimentos contextuais de produção dessa obra. O objetivo principal desta pesquisa é delinear o panorama sócio-histórico e educacional da primeira metade do século XIX, buscando relacionar traços desse período com a obra de Coruja. Especificamente: 1) descrever o momento político, social, econômico e educacional do período de maior produção do autor; 2) examinar se o procedimento metodológico adotado é o teórico-descritivo e dedutivo. Para tanto, foram seguidos os seguintes passos: levantamento e análise do suporte teórico a ser estudado; seleção e constituição do corpus de análise; e, análise do corpus, de acordo com os objetivos específicos. Esta investigação está alicerçada nos pressupostos teóricos da História das Ideias Linguísticas, disciplina que analisa o modo como o saber linguístico é interpretado e desenvolvido no curso do tempo. A relevância desta pesquisa é justificada pela importância do autor em nossa gramaticografia e em nossos estudos dialetológicos, foi um estudioso das letras.

ELEMENTOS DA LÍNGUA, DA SOCIEDADE E DA IDENTIDADE NACIONAL NA VIRADA DO SÉCULO XIX AO XX NAS OBRAS DE PAULO BARRETO (JOÃO DO RIO)

Luscelma Oliveira Cinachi Craice

linguajuriport@bol.com.br

Este trabalho analisa o saber construído em torno da língua, sociedade e identidade nacional, num dado momento, como produto de uma reflexão metalinguística, por meio da obra de João do Rio. Cronista por excelência do 1900 brasileiro, João do Rio trouxe para a imprensa literária brasileira a crônica-reportagem e, explorando as duas formas de atividade intelectual - literatura e jornalismo, consagrou-se como um dos maiores cronistas de sua época. Transformou a crítica e fez a reportagem, e uma e outra fundiram-se numa crônica despreziosa, insinuante e reveladora, filha de um cotidiano efêmero, e sem pretensão a durar mais que uma edição, uma vez que é filha do jornal, mas que permaneceu na lembrança e na admiração da posteridade a crônica mundana de um jornalista raro. Para atingir esse objetivo, apoiamo-nos nos pressupostos teóricos da História das Ideias Linguísticas, escuta particular do sensível em relação ao caminho dos sentidos, em nosso caso, os sentidos de um conhecimento linguístico produzido junto à constituição de nossa língua. A língua e os instrumentos linguísticos são objetos históricos que estão intimamente ligados à formação do país, da nação, do Estado e saber da língua portuguesa à época de João do Rio é produzir o conhecimento sobre a identidade nacional no Brasil, no fim do século XIX, começo do XX. O ato de saber possui, por definição, uma espessura temporal, um horizonte de retrospectão (Auroux, 2001:11).

A "GRAMÁTICA DA INFÂNCIA" DE CÂNDIDO DE FIGUREIREDO

Marcia Antonia Guedes Molina

maquemol@yahoo.com.br

Este trabalho tem por objetivo descrever a Gramática da Infância de Cândido de Figueiredo, importante filólogo do início do século XX, em especial os capítulos que tratam dos conceitos gerais, morfologia e da sintaxe. A obra teve sua primeira edição em 1918, quando os estudos gramaticais brasileiros começavam a assimilar efetivamente os preceitos das obras de inspiração científica. Este trabalho, ancorado na História das Ideias Linguísticas (Auroux, 1992) e na Análise Cultural (Chartier, 2002), pretende avaliar como o estudioso concebia o ensino da Língua Portuguesa na ocasião e o que entendia ser uma gramática destinada à infância, visto que fazia pouco tempo que a criança passara a ser entendida como tal, ou seja, passara a ser vista não mais como um adulto em miniatura.

UM OLHAR PORTUGUÊS SOBRE CASTELHANO DE QUINHENTOS

Miguel António Costa Gonçalves

miguelgoncalves.ucp@gmail.com

Que visão temos do idioma originário de Castela, o castelhano, reportado à época em que começava a ser também, (abusivamente), designado por “español”, e que nos habituámos a referenciar pelo período de “antes e depois de Quinhentos”? Propomos um olhar singular, enquanto linguistas, sobre o comportamento dos linguistas portugueses (e em português), mas não exclusivamente, da época, que, a priori, tinham uma visão positiva e até sedutora a julgar pelos duzentos e cinquenta anos (c. de 1450 a c. de 1700) de bilinguismo literário, e, até mais que literário, luso-castelhano.

Focalizaremos o nosso estudo no levantamento de alguns conceitos-chave que indiciam os primeiros exercícios comparativistas luso castelhanos, na perspectiva da riqueza/pobreza léxica ou do grau de "corrupção" assim como o "corpus" linguístico-literário estimado como relevante. No caso do bilinguismo luso-castelhano a que nos reportamos, existiam, então, como se verificam ainda hoje, visões quase polarizadoras do mesmo. Entre os contemporâneos, parece prevalecer uma atitude mais compreensiva e tolerante por parte dos escritores, e em particular dos poetas, e menos complacente por parte dos linguistas. Apesar de o ângulo de observação ser, sobretudo, português, não descuremos a “voz” e, particularmente, o “silêncio” também de alguns linguistas castelhanos.

A ORGANIZAÇÃO DA GRAMÁTICA PEDAGÓGICA DE CÂMARA JR. E LIMA (1957) CONTEMPLANDO EXCERTOS DE LITERATOS, GRAMÁTICOS E FILÓLOGOS

Miguel Eugenio Almeida

mealmeida_99@yahoo.com.br

Verificamos, no caso, as ocorrências das citações referentes aos autores da literatura brasileira e da literatura portuguesa, de modo especial, aos autores de gramática, aos autores da filologia e aos autores de outras áreas do conhecimento humano presentes na organização do Curso da língua pátria - gramática 1ª e 2ª séries ginasiais, de Câmara Jr. e Lima. Assim, refletimos sobremaneira a seleção de autores da literatura portuguesa, de modo especial, compondo o corpus para análise das ocorrências gramaticais que, por sua vez, são fundamentadas nos autores de gramática e de filologia, notoriamente. Para tanto, pontuamos questões pertinentes à noção de língua, de gramática e de ensino de língua.

HISTÓRIA DO ENSINO EM PORTUGUÊS EM ANGOLA

Moisés Alves Augusto

m.katenda@yahoo.com

A língua portuguesa chegou em Angola em 1482, percorrendo e desafiando séculos como objeto de estudo e meio de comunicação para a realização do ensino em Angola, convive num cenário multilíngue, e por causa várias questões históricas em 1975 foi adotada como língua oficial em todo o país.

Pretende-se nessa apresentação procurar as vias percorridas pela língua portuguesa como objeto de estudo e meio comunicação no ensino em Angola, em perspectiva da variante do português angolano que se vai afirmando no tempo e no seio da lusofonia.

O TRATAMENTO DOS IDIOTISMOS NA GRAMÁTICA DE D. JERÓNIMO CONTADOR DE ARGOTE - REGRAS DA LÍNGUA PORTUGUESA, ESPELHO DA LÍNGUA LATINA(1725)

Raquel do Nascimento Marques

raquel.ntomarques@gmail.com

Publicada numa época em que o latim era ainda considerado como a língua de cultura em toda a Europa, a gramática de Argote, tinha fins pedagógicos e destinava-se a facilitar o ensino da língua latina pelas regras da língua portuguesa. Apesar de afirmar que «a presente Grammatica he Portugueza no nome, nas palavras, e nas regras; porém no intento, e effeyto, para que se compoz, he Latina», Argote não se negou a mostrar o que era próprio de sua língua, pois elabora na gramática um capítulo intitulado Dos idiotismos em que, pela descrição feita, o estudioso poderia conhecer os fenômenos típicos do português. A escolha deste tema, retirado da 2ª edição de 1725, justifica-se pelo fato de esta gramática abordar peculiaridades do português, os chamados idiotismos, interpretados como diferenciais entre as duas línguas (latim e português) no sentido de regras da língua. Este trabalho se inscreve no campo da história das ideias linguísticas (AUROUX, 1992, 1998, 2007) e se fundamenta nas noções de gramatização, instrumentos linguísticos e horizonte de retrospectão, e se volta à análise da constituição do saber linguístico, nesse caso consolidado em um instrumento linguístico, a gramática de Argote(1725), que constitui nosso objeto de análise. Com o objetivo de situá-la no contexto da gramatologia da língua portuguesa, pretende-se ao longo deste trabalho identificar e analisar os idiotismos presentes nas Regras da língua portuguesa, espelho da língua latina, mostrando como eles se configuram na gramaticografia portuguesa do século XVIII.

O MÉTODO LANCASTERIANO E O ENSINO DA LÍNGUA PORTUGUESA NO BRASIL OITOCENTISTA

Ricardo Nascimento Abreu

tenascimento@gmail.com

A adoção do método lancasteriano no Brasil, na primeira metade do século XIX, com o objetivo de difundir a trilogia “ler, escrever e contar”, apresenta-se

como uma das primeiras políticas linguísticas do Estado imperial brasileiro, com o fito de consolidar a língua portuguesa como língua nacional. O método, que prometia educar um grande número de brasileiros, em um curto espaço de tempo e a custos extremamente baixos, foi operacionalizado em todas as províncias por militares e civis. Desse modo, o ensino da língua portuguesa, através da metodologia de Lancaster, constitui-se como ponto de grande interesse para a história do português brasileiro, uma vez que, ao compreendermos as motivações que conduziram à adoção desse método e à caracterização das ideias linguísticas contidas nas suas aulas de gramática, poderemos contribuir para elucidar os rumos práticos que o ensino da língua materna e a construção das gramáticas tomaram no Brasil durante o século XIX. Concomitante ao estudo a respeito do ensino do português através do método lancasteriano, este estudo visa discutir as possibilidades de usos da história cultural como base conceitual no desenvolvimento de uma metodologia para o estudo das ideias linguísticas, objetivando, assim, trazer à tona aspectos ainda desconhecidos ou pouco discutidos no que tange à história social do português brasileiro.

NA LÍNGUA, NA HISTÓRIA E NA MEMÓRIA: O MOVIMENTO DAS DIRETAS JÁ!

Rodrigo Maia Theodoro dos Santos

rodrigomts@globo.com

A presente comunicação aborda a relação entre língua e história e o papel desempenhado pela revista *Veja*, de modo particular, em sua seção Carta ao Leitor, durante o Movimento das Diretas Já. A pesquisa toma a língua como prática social e questiona em que medida as escolhas lingüísticas expressam as posições políticas, históricas e intelectuais da época. Parte-se do pressuposto de que a língua muda constantemente e de forma paralela ao homem, em consonância com as mudanças sociais. O movimento político Diretas Já, ocorrido na década de 1980, foi a maior mobilização popular da história do Brasil. O povo saiu às ruas e bradou pela democracia e por sua independência política, com o enunciado: Eu quero votar para Presidente. O anseio por mudança ultrapassou os limites do Congresso Nacional e trouxe a sociedade para o campo de batalha de idéias. Uma nova identidade do homem brasileiro era construída. Naquele período, a mídia aliou-se ao povo e materializou em documentos os fatos ocorridos. É nesse contexto histórico que a Língua Portuguesa em uso no Brasil é tomada como objeto de análise da comunicação. Justifica-se a escolha da Historiografia Linguística como suporte teórico-metodológico deste trabalho, em virtude do aparato interdisciplinar que ela estabelece, em essência, entre a Lingüística e a História, no processo de interpretação de documentos.

ORAÇÕES ADVERBIAIS TEMPORAIS EM DUAS GRAMÁTICAS DO FINAL DO SÉCULO XX: LUFT E NEVES

Victor Matheus Victorino da Costa

vic.tor.ino@icloud.com

O presente trabalho tem por tema as orações adverbiais temporais, dentro do qual faremos uma comparação entre duas gramáticas quanto ao tratamento dessas construções. Para tanto, as gramáticas escolhidas foram: Moderna Gramática Brasileira, de Celso Pedro Luft (1979) e Gramática de usos do Português, de Maria Helena de Moura Neves (1999). Comparando as duas gramáticas do final do século XX, ainda que tenham curto período temporal entre elas, podemos perceber diferentes tratamentos nos estudos gramaticais, aqui ressaltados os referentes à sintaxe da língua portuguesa. Objetivamos, assim, analisar como são descritas as construções adverbiais nas duas gramáticas e as concepções linguísticas subjacentes a estas, a fim de responder à seguinte pergunta: Quais mudanças ocorreram no estudo da sintaxe nesses vinte anos? Para dar conta do presente trabalho, temos a Historiografia Linguística como base teórica, seguindo os princípios postulados por Koerner (1996), a saber: contextualização, imanência e adequação; e seguimos alguns passos metodológicos, os quais são: seleção, ordenação, reconstrução e interpretação. Ressaltamos o papel do contexto para a compreensão do tratamento dado à linguagem, fazendo considerações a respeito dos momentos históricos nos quais surgem as vertentes linguísticas que influenciam as duas gramáticas: a teoria Gerativista e o pensamento filosófico Cartesiano (Chomsky, 1966) em Luft; a teoria Funcionalista e o pensamento contemporâneo (Bauman, 2001) em Neves. Podemos concluir que, diferentemente do que em geral se supõe, não encontramos diferenças nas concepções linguísticas apenas entre gramáticas com ampla separação de tempo.

ORAÇÕES RELATIVAS: A SINTAXE POPULAR DO PORTUGUÊS D'AQUÉM E D'ALÉM-MAR

Valéria de Araujo Pereira

val_pereira@hotmail.com

Esta comunicação, vinculada teórico e metodologicamente à História das Ideias Linguísticas (Auroux, 2008), tem por finalidade demonstrar, com base em estudos do português Europeu que as orações relativas cortadoras não são exclusivas do português brasileiro como se defendeu a partir do final do século XX no Brasil, Tarallo (1983, 1985, 1993). Para Tarallo, a estratégia inovadora no português do Brasil é a relativa cortadora, entretanto Julio Moreira (1907) já demonstrava em estudos que o uso da relativa (que) desacompanhada de preposição (o homem que falei com ele / o homem com quem falei) era comum na sintaxe popular do português popular europeu. Sabemos com base em estudos recentes, Alexandre (2000), Arim, Ramilo e Freitas (2005), que essa estratégia sintática é, também, uma tendência no português europeu atual. A investigação sobre estudos de sintaxe popular do português europeu tem-nos levado à conclusão de que o uso da relativa cortadora é uma característica do

português, independente da variedade em questão, e, portanto, não foi inovação brasileira.

SINTAXE DA LÍNGUA PORTUGUESA NA SEGUNDA METADE DO SÉCULO XIX: A FUNÇÃO DO ADVÉRBIO EM UMA PERSPECTIVA HISTORIOGRÁFICA

Wemylla de Jesus Almeida

mylla_imp@hotmail.com

Esta pesquisa trata de aspectos da sintaxe da Língua Portuguesa, em especial, a Função do Advérbio, em textos publicados no Brasil, na segunda metade do século XIX. Buscamos traçar um percurso historiográfico do ensino da sintaxe, tomando como corpus a obra de estudo *Syntaxe e construção da Língua Portuguesa*, de Thomaz da Silva Brandão (1888). Nessa perspectiva, embasamos nosso estudo em *Historiografia Linguística (HL)*, especificamente, com Köener (1996), partindo dos seus três princípios: o princípio da contextualização que trata do clima de opinião, ou espírito da época, de tal modo que aborda os aspectos intelectuais, socioeconômicos, políticos e culturais. Além disso, o princípio da imanência que busca estabelecer um conhecimento total tanto histórico quanto crítico, se necessário filológico, do texto em apreciação e, por fim, o princípio de adequação que faz aproximações modernas do vocabulário técnico do trabalho em estudo. Assim sendo, para a adequação, utilizamos a obra *Novas lições de análise sintática*, de Adriano da Gama Kury (1984). Procedemos à seleção, à ordenação, à reconstrução e à interpretação do corpus, enfocando nas obras selecionadas a função do advérbio, Ressalta-se que a presente pesquisa encontra-se em seu estágio inicial.